



INSTITUTO
DA PSICANÁLISE
LACANIANA IPLA

OS DIFERENTES MANEJOS DA TRANSFERÊNCIA

Célia Gillio; Denise Leite; Elsa Góis; Elzira Uyeno;
Felipe Marchiori; Patrícia Furlan; Renato Chiavassa.
Tutora: Claudia Riolfi. **Sombra:** Maria Helena
Barbosa

Introdução

Este trabalho tem como objetivo desenvolver aquilo que Lacan (1964) chama a boa e a má maneira de manejar a transferência. A palavra *transferência* (dos étimos latinos “trans”, passar através de ou passar para outro nível e “feros”, conduzir) foi inicialmente utilizada por Freud para designar o deslocamento do afeto de uma representação para outra e passou a nomear o processo constitutivo do tratamento psicanalítico. Teve sua utilização na situação analítica radicalizada por Lacan, para quem a concepção da transferência tem, no seu cerne, o que denomina “presença do analista”.

A inquietação do grupo para estudar este tema surgiu após a leitura do excerto que se segue: “*quero acentuar esta questão [o analista deve esperar a transferência para começar a interpretação] porque ela é a linha de divisão da boa e da má maneira de conceber a transferência*” (LACAN, 1985:130).

Para ilustrar as diferenças no manejo da transferência, tomamos como objeto de análise a primeira temporada da série *In treatment*, que mostra os atendimentos de pacientes por um psicanalista, Dr. Paul Weston. Utilizamos dois recortes da série: a história de uma jovem, Laura, que se declara apaixonada pelo analista e a de um piloto, Alex, que dissocia os afetos dos fatos narrados.

1. As diferentes maneiras de manejar a transferência

Compreendemos que a “boa” maneira de manejar a transferência é interpretar sob transferência, isto é, interpretar baseado na pulsação do inconsciente. Paralelamente, para nós, a “má” maneira de manejar a transferência é interpretar a transferência, ou seja, tentar adequar a análise a uma suposta realidade.

1.1.1. A má maneira de interpretar a transferência

O termo transferência ficou restrito na comunidade analítica como o que se passa estritamente dentro da situação analítica.

Assumindo a posição de sujeito de saber qual é a verdade, o analista, com vista a dar o sentido ao sintoma, acaba por substituir, com sua fala, a fala do analisando, por meio da qual o inconsciente deveria se manifestar. Ainda nessa posição, o analista pode apelar para a parte sã do analisando, o que revela o desconhecimento de que é ela que fecha a porta de acesso ao inconsciente.

Da mesma forma, ao assumir uma posição simétrica, envolvendo-se com as construções de sentido que Freud chamava de “romance familiar do neurótico” – nada mais do que uma ficção de si mesmo –, o analista incorre no equívoco de interpretar o sujeito do enunciado, em lugar do sujeito da enunciação, naquilo em que ele é constituído como segundo em relação ao significante. Diante desses procedimentos, não se pode falar de uma presença do analista.

1.1.2. A boa maneira de interpretar a transferência

Introduzindo o significante na conduta analítica, no procedimento analítico e na direção da cura, Lacan modifica completamente o conceito de transferência legado por Freud. Diferentemente de Klein, para Lacan o mais importante não é saber se a transferência é positiva ou negativa, mas sustentá-la em sua ambivalência (FORBES, 1999: 135).

Se a “transferência é a realidade do inconsciente posta em ato” e a associação livre constitui o que Freud denominou “via régia”, acesso ao inconsciente, manejo técnico produtivo se constitui permissão, ao máximo, da economia da associação livre, pelo “silêncio do analista”. Muito além da injusta atribuição de frieza do analista, esse silêncio constitui um procedimento calculado de renúncia ética para permitir que o analisando se aproprie, gradualmente, de seu saber inconsciente que insurge por meio de lapsos, sintomas e deslizes “sem sentido” na fala.

Se, como Freud alertara, a transferência é essencialmente resistente por constituir o meio pelo qual se interrompe a comunicação, e o inconsciente se fecha, é pelo bom manejo de transferência que se permitirá ao analisando o acesso ao saber que ele não sabe (LACAN, 1964: 126).

A boa maneira de lidar com a transferência possibilita que o inconsciente se presentifique, quando do encontro entre um analisando e um analista. Na conferência no Ipla, intitulado “A Transferência”, Forbes afirma que esta é a renovação daquilo que o analisando não sabe. Este institui no analista uma Suposição de Saber sobre essa falta; fazendo uso dessa condição, mas não respondendo com maestria desse lugar, o analista permite que o desejo do analisando se mostre. É isso que pode levar ao analisado *savoir faire* sobre essa falta. Eis que se configura a presença do analista.

1.1.3. As diferenças no manejo da interpretação da transferência

O quadro A sintetiza as principais diferenças no manejo da transferência.

A MÁ MANEIRA DE MANEJAR A TRANSFERÊNCIA	A BOA MANEIRA DE MANEJAR A TRANSFERÊNCIA
Interpretar na transferência	Interpretar sob transferência
Visar ao sujeito do enunciado	Visar ao sujeito da enunciação
Referir o sujeito em relação à realidade	Referir o sujeito em relação ao significante
Gerar a identificação ao analista	Ir além da identificação ao analista.
Atualizar a ilusão que leva à identificação	Atualizar a realidade sexual do inconsciente
Manejar de maneira centrípeta, desde “eu mesmo”	Manejar de maneira centrífuga, desde “si mesmo”
Colocar-se como sujeito saber a verdade	Colocar-se como um sujeito suposto saber a verdade
Entabular uma relação dual	Estabelecer a relação analítica na irreciprocidade
Incidir em uma suposta parte sã do sujeito	Compreender que a suposta “parte sã” está interessada no fechamento do inconsciente
Ter a adequação do paciente à realidade empírica como meta	Dirigir a análise a partir da percepção da pulsação do inconsciente
Trabalhar desde uma lógica positivista	Trabalhar desde uma ética

Quadro A: A boa e a má maneira de manejar a transferência

2. O manejo da transferência no seriado “In Treatment”

Começamos pelo caso Laura. Médica, analisanda de Paul há um ano, que chega ao consultório descabelada, chorando e dizendo que ficou 4 horas na porta antes de entrar... Depois de uma briga com seu namorado, foi flertada por um homem no bar e quase transaram no banheiro... Dá a entender que trai seu namorado há um ano e, afinal, revela a paixão por Paul.

Este caso apresenta o mau manejo da transferência pelo analista: diante de um caso de transferência erótica, ele interpretou o amor da paciente, tomando-o para si.

Ao apelar para a parte sã de Laura, respondendo-lhe que era seu terapeuta e que existem padrões éticos bem delineados, coloca-se num pólo mítico e idealizante, construindo uma aliança com a parte sã do eu do sujeito, fechando, por conseguinte, o inconsciente. Interpretou o enunciado em lugar do significante ou, dizendo de outra forma, confundiu o eu do enunciado com o eu da enunciação.

Prossigamos com o caso de Alex, piloto de combate da marinha Americana. Após ter atingido uma escola islâmica ao invés de uma base do Iraque, foi afastado. Nesse ataque, foram mortos 16 meninos, o que lhe rendeu o apelido de “o assassino da Madrasa”. Seu amigo Daniel, médico, temendo pelo equilíbrio emocional de Alex, sugeriu-lhe que procurasse um terapeuta. No episódio analisado, Alex fez sua primeira sessão de terapia.

O analista mostrou um bom manejo da transferência, pois devolveu ao analisando a responsabilidade por seus atos, retirando-o do discurso de que era um homem bem sucedido em tudo a que se propunha. Ademais, desconstruiu as certezas de Alex, colocando-se como sujeito suposto saber, não lhe respondendo se devia ou não voltar para Bagdá, o que o levou a sempre duvidar das interpretações do analista.

O analista conseguiu uma maior abertura de Alex. Suas falas apontam para uma constante atualização do discurso, na qual fica evidente o movimento pulsante do inconsciente e suas resistências. Levou Alex a relatar como foi a infância com o pai e a experiência traumática da morte da mãe e a perceber que agia mais para agradar aos outros.

Após a análise dos dois casos, concluímos que o manejo da transferência tem conseqüências éticas, sendo fundamental para a entrada em análise e na sua sustentação. A virtude do analista lacaniano “está em evitar o exercício de poder: ele não pode nada por seu analisando” (FORBES, 1999: 163).

Referências Bibliográficas

FORBES, Jorge. **Você quer o que deseja?** São Paulo: Best Seller, 2003.

_____. **Da Palavra ao Gesto do Analista**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

FREUD, Sigmund (1916). Conferência XXVII: A Transferência, **ESBOPC**, v. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LACAN, Jacques (1951). Intervenção sobre a transferência. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 214-225.

_____. (1964) **O Seminário**. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.